

BAUMWORCEL, Ana. *Sonoridade e resistência: a Rádio Jornal do Brasil-AM na década de 60*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Comunicação, Imagem e Informação.

Rio de Janeiro. Quatro de maio de 1993. Seis da tarde. Hora de fechamento na redação do Jornal do Commercio. Na mesa do chefe de reportagem, o velho rádio sintoniza os 940 KHz da Rádio Jornal do Brasil-AM, a exemplo de praticamente todas as redações de jornal que fazem rádio-escuta. Alguns segundos de silêncio e a voz do locutor desconhecido anuncia a entrada no ar da Rádio... Cristo em Casa.

A memória vem fácil, como testemunha do assassinato de um personagem importante da história da mídia brasileira, que sobreviveu ao domínio da televisão e da ditadura militar, mas recebeu um tiro mortal de uma empresa familiar afundada em dívidas. Nenhuma despedida, nem satisfação aos ouvintes. A Rádio Jornal do Brasil saía do ar pela porta dos fundos, depois de ser vendida (dizem, por US\$ 5 milhões) a um pastor-deputado de uma igreja evangélica, deixando órfãos milhares de pessoas que tinham na Rádio JB a melhor opção informativa da cidade e uma das mais relevantes escolas de radiojornalismo, sobretudo nos anos 60 e 70, quando o regime militar não tolerava atos de ousadia da imprensa não cooptada.

É curioso como no Brasil as frequências de radiodifusão, pertencentes à União de acordo com a Constituição Federal, têm seu direito de exploração negociado como qualquer mercadoria, e com a anuência do Estado.

A dissertação da professora Ana Baumworcel – a repórter Ana Baum que durante oito anos, de 1980 a 1988, abriu o noticiário matinal da Rádio JB – tem o mérito de contar a história deste “herói da resistência”, resultado de um trabalho coletivo e anônimo. Uma resistência construída a partir da escolha da pauta, da obstinação de cobrir os assuntos previamente censurados, do enfoque da matéria e da edição.

O período escolhido – os anos 60 – representa um momento importante para entender o que se passava com a mídia audiovisual e com a

\* Professor de Radiojornalismo da UFF, trabalhou como redator e editor da Rádio Jornal do Brasil.

sociedade brasileira. Ana Baum não se limita a compilar dados, datas e depoimentos para a historiografia, o que por si só já seria um trabalho de fôlego, dada a escassez de pesquisas acadêmicas na área de rádio, o verdadeiro primo pobre da mídia brasileira. Ela empreende uma viagem pela análise do discurso, mostrando a especificidade da narrativa radiofônica e da oralidade. Lembra que o som no rádio, muitas vezes, significa a própria narrativa e cita como exemplo as manifestações estudantis, em 1968. Na cobertura da missa de sétimo dia do estudante Edson Luís Lima Souto, na Candelária, em 4 de abril, a matéria começava com o som em segundo plano dos cavalos da Polícia Militar e os gritos de assassinos ao fundo. Em represália, a emissora ficou três dias fora do ar, sob a acusação de haver forjado os gritos dos manifestantes.

“Na época da censura, era proibido falar das passeatas, mas o som ambiente, ao reproduzir a ‘gritaria’ nas ruas, falava mais do que qualquer palavra dita pelo locutor naquele momento. Portanto, a sonoridade que corre paralelamente ao texto verbal pode subverter seu sentido, modificando o significado. A sonoridade é mais que um contraponto. É através dela que o rádio também inscreve a sua historicidade, revelando todo um plano enunciativo pleno de sentido... A sonoridade é fundamental na constituição da própria linguagem radiofônica”.

Desfiando histórias e analisando episódios, Ana Baum observa que a Rádio JB-AM

“soube deslizar sentidos, falando o permitido para não ser extinta, ao mesmo tempo em que rompia com o possível a ser dito, falando através do implícito, da sonoridade ou da voz do outro. As reportagens externas e as vozes gravadas dos entrevistados materializavam essa voz do outro. E emprestavam voz à Rádio JB quando esta silenciava. Portanto, no movimento entre a paráfrase (o mesmo) e a polissemia (o diferente), a RJB-AM reproduziu e deslocou sentidos”.

O discurso do silêncio também está presente na análise de Ana Baum.

“No jogo entre o silêncio, quando resistência, e a busca da pluralidade de vozes, enquanto a possibilidade de falar através do outro, a emissora construiu seu discurso. Um de nossos

intuitos foi investigar como as vozes da RJB-AM foram ‘filtradas’. Quem falou e para quem se falou. Por que algumas vozes foram silenciadas e outras, não. Como a RJB-AM usou a voz do outro para legitimar a sua voz enquanto autoridade. E como a RJB-AM soube explorar a sonoridade como linguagem.”

Ana Baum mostra que a utilização dos recursos sonoros como signos informativos, a busca da polêmica jornalística dando voz, na medida do possível, a fontes incômodas aos olhos do poder e a preocupação em manter um certo distanciamento em relação à visão de mundo oficial ajudaram a preparar um cardápio variado de informação, em vez dos “pratos prontos” oferecidos pela maioria das emissoras comerciais na época.

Não foi à toa que a Rádio JB desapareceu quando o Brasil mergulhava de cabeça na globalização. É claro que não se pode ignorar a crise econômica profunda da empresa de base familiar. Nem se deram ao trabalho de transferir a programação jornalística para a Rádio Jornal do Brasil FM. Jogaram pela janela do sétimo andar da Avenida Brasil o privilégio de ter duas emissoras de frequências distintas transmitindo praticamente no mesmo lugar do *dial*. Uma boa campanha de marketing ensinaria os ouvintes a girar o botão da frequência e continuar a ouvir jornalismo de qualidade. Em vez disso, a família preferiu desfazer-se do rádio e deixar ao relento dezenas de profissionais e milhares de ouvintes. Como nobres togados falidos, desfizeram-se de parte de seu patrimônio e inverteram o ditado. Deram os dedos para não perder os anéis.

Hoje, lembra Ana Baum citando Eni Orlandi, a sociedade brasileira entrou num processo de falta de opções.

“Um processo de mão única, de massacre dos sentidos. Entendemos como de-significação o processo discursivo que é barrado, impedido, esvaziado. É uma violência simbólica. O indivíduo não tem palavras para falar ou não sabe usá-las, apesar de não estar proibido de falar. Segundo Eni Orlandi, isso se dá em função do ‘apagamento dos novos sentidos que já foram possíveis mas foram estancados em um processo histórico-político silenciador. São sentidos evitados, desmoralizados, amolecidos, inviabilizados, postos fora do discurso, de-significados. É uma sociedade que apaga as diferenças, sem necessariamente negá-las. Através de afirmações positivas, cria-se um impacto, que incita audiências para um significado

fixo, fechado, que as faz reagir de um modo determinado. É a sociedade da propaganda e da manipulação”.

Em entrevista à autora da dissertação, Ana Maria Machado, chefe do Departamento de Jornalismo da Rádio JB entre 1972 e 1980, constata que hoje em dia as rádios não tocam, por exemplo, Paulinho da Viola. “Ele não está censurado, mas foi trocado por algo que acabamos tendo que ouvir. Se impõe determinada coisa, sem apresentar alternativas, é a questão da mão única”. Para Ana Maria, a censura do sim está em vigor há tanto tempo que já produziu efeito. “Tem gente que nem se questiona mais, não acredita que poderia ser diferente. Hoje, as pessoas costumam perceber que estão sem opção, porque estão estudando menos, pensando menos”.

Os órfãos da Rádio JB continuam ouvindo rádio, mesmo sem Paulinho da Viola, mas fica sempre a sensação de um certo vazio no *dial*.

## Vitrine semiológica colorida do carnaval e do turismo gaúcho

Severino Alves de Lucena Filho\*

PEREIRA, Berenice Curtis Mércio. *Um olhar semiológico sobre o poder e o mito nas relações invariantes entre o carnaval e o turismo*. Porto Alegre: PUCRS, 2000, 345 p. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social.

A professora Berenice Mércio Pereira, coordenadora do Curso de Turismo da Faculdade de Comunicação Social - PUCRS, colocou o seu bloco para desfilar exibindo como destaques o poder, as alegorias míticas e os adereços estereotipados pesquisados à luz do imaginário da cultura popular gaúcha.

Na presente dissertação, a pesquisadora deu largada para um desfile particular e com singularidade onde o carro abre-alas apresentou como tema – o carnaval semiológico – e suas interações sociais com o turismo, considerando a complexa abrangência das representações simbólicas da interação sociocultural.

No seu baile carnavalesco, evento cultural organizado em grande estilo, estudou as peças comunicacionais, os cartazes das edições do carnaval em Porto Alegre, no período de 1974 a 1991, e analisou as letras dos sambas-enredo, singulares retalhos criativos da fantasia do cotidiano popular, etiquetados com as representações do poder, do olhar mítico e dos estereótipos que integram as fantasias do universo de significações das relações sociais da cultura híbrida gaúcha.

Apresentou na comissão de frente do seu desfile e no carro do abre-alas decorados com cartazes multicoloridos, convidados especiais que estruturaram teoricamente sua pesquisa como o semiólogo Roland Barthes, o pesquisador latino americano Oscar Padilha de La Torre, o russo Mikhail Baktin, o antropólogo brasileiro Roberto da Matta, e a pesquisadora do carnaval Maria Izaura de Queiroz, e outros ilustres convidados.

O produto cultural foi estruturado em quatro grandes alas sob o olhar semiológico, enfocando o mito e o poder nas relações invariantes entre o carnaval e o turismo, onde as cores e formas fazem diferença no *mix* multirracial do carnaval.

---

\* Professor de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba.

No primeiro capítulo, Na evolução, carnaval e turismo como componentes de uma mesma ala, aborda a evolução do carnaval e do turismo, enfocando a celebração brasileira da grande festa popular e a historicidade das suas relações sociais e culturais em Porto Alegre. No segundo, Roland Barthes, como destaque no carnaval apresenta, na sua viagem carnavalesca e cultural, os destaques e os adereços que representam a fundamentação teórica e a metodologia, onde usou como efeito especial, na avenida, o estruturalismo.

No terceiro capítulo, Cartaz, a chamada para euforia, as referências são para os cartazes que formaram um dos escopos comunicacionais para suas análises. E, no quarto, Samba-enredo, o arauto do Carnaval, a investigadora *folk* analisa as composições das escolas de samba campeãs. Estas foram estudadas como veículo de comunicação no contexto das elaborações e reelaborações socioculturais.

As pesquisas e análises dos processos comunicacionais e turísticos, desenvolvidos pela pesquisadora Berenice Pereira, proporcionam como apuração final, resultados singulares, com significativas contribuições para o estudo da maior festa popular brasileira, o carnaval, e para o turismo como forma de entretenimento e cultura, segundo um olhar semiológico.

No que se refere à cultura e ao turismo gaúcho, a dissertação constitui-se numa referência para o cenário histórico do carnaval e num registro da memória desta manifestação popular que é a mais festejada e exportada como produto turístico: o carnaval brasileiro. Um mosaico composto de alegrias, emoções, lágrimas, risos e delírios multicoloridos. Verdadeira representação dinâmica do que há de mais característico e democrático na nossa cultura representado pelos mitos, ritos e ritmos gerando esse caldo cultural miscigenado e processado pela imaginação popular.